CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
A ESCOLA E A TERCEIRA GERAÇÃO
26 de julho de 2023

REPRODUTA INTERDITA / 1990

Realização, argumento, câmara e intervenções diretas na película: Edgar Pêra / **Direção de fotografia**: Pedro Henrique / **Assistência de imagem**: Pedro Ruivo / **Direção de som**: Pedro Bidarra / **Montagem**: José Nascimento / **Música**: Pedro Bisara, Pedro Ayres Magalhães / **Interpretação**: Margarida Matos (Penelope Cruxis), Lígia Pereira (Mutex Teleportis), António Gonçalves (Contaminohvsk).

Produção: Edgar Pêra / **Produção visual**: Rosária Lopes / **Cópia**: 35mm, cor, sem diálogos / **Duração**: 9 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

A FORÇA DO ATRITO / 1992

Realização: Pedro M. Ruivo / **Argumento**: Luís Alvarães, Pedro M. Ruivo e Mason Funk, baseado numa ideia de Edgar Pêra / **Direcção de Fotografia**: Daniel Del Negro / **Decoração**: Luís Monteiro / **Cenários**: Jaime Brito / **Música**: Luís Cília / **Som**: Carlos Alberto Lopes / **Montagem**: José Nascimento e Luís Sobral / **Interpretação**: João Grosso (Vitor), Manuel João Vieira (Afonso), Filipe Cochofel (Dinis), Sylvie Rocha (Diana), Luís Santos (avô), Filipe Petronilho (Miguel), Rui Araújo (João), Marques d'Arede (patrão), etc.

Produção: MGN / **Produtor Executivo**: Tino Navarro / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida / **Duração**: 80 minutos / **Estreia**: São Jorge, a 23 de Julho de 1993.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

---

REPRODUTA INTERDITA

Edgar Pêra entrou na Escola de Cinema do Conservatório Nacional no ano de 1981-82 numa turma que incluía jovens estudantes como Ana Luísa Guimarães, João Canijo (que apesar da inscrição não frequentaria o curso), José Navarro de Andrade, Manuel Mozos, Rui Reininho (sim, o músico!), Susana Sousa Dias, entre outros. Concluiria o curso em 1984 sem que se conservem quaisquer dos seus filmes curriculares. Ao longo da década de 1980 participa em vários filmes em diferentes funções, por exemplo, a sua entrada na profissão acontece no exato ano em que sai da escola, como coargumentista e assistente de realização de **A Mão Fechada** (1984). Pouco depois participa em **Reporter X** (1986) de novo como coargumentista e anotador e, mais uma vez com José Nascimento, coassina o argumento de **Mar à Vista** (1989).

Entretanto Edgar Pêra estreia-se na realização com uma minissérie para a RTP intitulada **Os Musicais do Sudoeste**, intitulada pelo canal televisivo como "série experimental" onde já se faziam sentir as suas preocupações formais (combinação de várias técnicas e suportes,

fazendo conviver película e vídeo) e os seus interesses musicais (a série integra o videoclipe que Pêra havia realizado em 1985 para a canção "Dunas" dos GNR – a sua "estreia" –, sendo que em cada episódio uma banda portuguesa integra uma autoficção – no primeiro episódio são os GNR, no segundo os Xutos e Pontapés, e do terceiro ao quinto os Rádio Macau, com a participação dos Sétima Legião no último episódio). De seguida, com o seu colega de turma, Rui Reininho, juntamente com Pedro Ayres Magalhães e outros músicos do início dos anos 1990, inicia os seus **Arkivos Cinerock.**

É neste contexto que o realizador faz a sua primeira ficção para cinema, a curta-metragem **Reproduta Interdita**. O filme resulta de um esforço coletivo com a participação, entre outros, de Pedro M. Ruivo que aqui assume o argumento e a fotografia (colega da ESTC da turma do ano acima – e com quem Pêra trabalharia proximamente nesses primeiros anos) e do referido Ayres Magalhães na banda-sonora.

O projeto era outro, mais complexo e ambicioso. Partia de um texto, *A Invasão*, e de um acaso, as ruínas dos Armazéns Grandella logo após o incêndio do Chiado que deflagrou a 25 de agosto de 1988. Daí surgiu a vontade de filmar *Os Sobreviventes*, projeto inacabado que seria respigado como **Reproduta Interdita**. Filmado vários meses depois do fogo, aproveitando os momentos em que as equipas de bombeiros não estavam a remover escombros, nem os trabalhadores da construção civil estavam já a trabalhar na reconstrução (vêem-se já alguns elementos de betão armado recém aplicado), o filme agradece, nos créditos finais, à Polícia Municipal de Lisboa – Gabinete do Chiado (o que para um grupo de cineastas *neuropunk* é, no mínimo, irónico). De qualquer modo, há qualquer coisa de significativo nesta dupla ruína (do Chiado e do próprio projeto de filme) que, de certo modo, parece traduzir uma dupla vontade de reconstrução – arrasar para fazer de novo, uma e outra vez. Como afirmou António Preto, a propósito da exposição que dedicou ao realizador na Fundação de Serralves, "trata-se de demolir ironicamente o saudosismo pátrio, fazendo tábua rasa de condicionalismos históricos para pensar o presente Portugal à luz de futuros alternativos ou de lógicas temporais que […] desafiam a ideologia do progresso e os consensos burocrático-administrativos."

Mas que "futuro alternativo" é este? Um futuro distópico que encontra forte paralelo no filme que Pedro M. Ruivo viria a realizar pouco depois, **A Força do Atrito** (1993), com base numa ideia original de Edgar Pêra. Um futuro pós-apocalíptico assolado por uma "mutação kontagyosa" por onde rumam uma enfermeira com toques de perfídia (Penelope Cruxis), uma caçadora recolectora mutante com poderes de teletransporte (Mutex Teleportis) e um morto. Um filme mudo (mas não silencioso) de perseguição gato-rato, que se revela, no final, como um falso anúncio publicitário ao "Mutex Spray Anti-mutante®". Esta ficção é ensanduichada por cartões em vídeo onde é possível ler mensagens algures entre o ativismo conspirativo e o existencialismo metafísico como "sabemos agora ke a rialidade naum estava longe das + krueis fixoins" ou "sabemos agohra que o apregoado ideal de reanimaccaum naum era mais do que uma tentativa de encarceramento & elimincaccaum de todos os dissidentes psicoh-genehticos." A alegoria é ténue e obscura, mas há aqui uma dimensão cautelar sobre os perigos da refundação (também democrática) do país.

Neste que é, discutivelmente, o seu primeiro filme, Edgar Pêra apresenta já muito daquilo que carateriza o seu cinema: o seu linguajar próprio, cheio de consoantes intrusas; a convivência de diferentes materiais, cada um com a sua textura e materialidade; o recurso a situações-tipo e em particular aos tropos do cinema de género, aqui a ficção-científica; a qualidade testemunhal do filme vertida num falso instrumento conspirativo; e, em termos gerais, a atitude *punk* antissistema que é, igualmente, autoparódica e pós-moderna. Este cinema que chega à iconoclastia pelo excesso e não pela depuração foi, certamente, uma forma de traição àquilo que eram os ensinamentos sacrossantos de António Reis. Sinal de que a Escola de Cinema não se esgotava na transmissão de um pensamento monolítico e de

que a alegoria que **Reproduta Interdita** propõe é tanto política quanto estética, isto é, é tanto sobre Portugal como sobre o seu cinema.

Ricardo Vieira Lisboa

A FORÇA DO ATRITO

A Força do Atrito, único filme de longa-metragem dirigido por Pedro Ruivo, é um objecto razoavelmente singular no contexto do cinema português dos anos 90. E no entanto, apesar dessa singularidade, ou desse "desvio", traz algumas marcas, quase um "ar de família", que fazem com que, visto de hoje, ele nos pareça menos um objecto estranho do que algo de completamente identificável e enquadrável dentro do cinema português desses inícios de 90. É o mais interessante num visionamento contemporâneo do filme, que se não é especialmente conseguido (nem consegue transformar as fraquezas em forças, como tantos outros filmes portugueses) também não é aquela catástrofe que, à época, a crítica portuguesa genericamente anunciou (talvez alguns espectadores se lembrem da recepção, bastante arrasadora, que o filme encontrou quando estreou há praticamente 30 anos).

Tematicamente, o que o filme mais lembra são os "universos paralelos", aquela ficção científica ao mesmo tempo muito solene e muito irrisória, que conhecemos de vários pontos da obra de Edgar Pêra – o que não surpreende, porque o genérico o credita como autor da ideia sobre a qual o argumento foi escrito. Nada há de errado com as suas premissas: encontrar uma Lisboa "futurista" e distópica, mas encontra-la não em cenários elaborados nem em efeitos especiais, mas em lugares banais, quotidianos, terrenos baldios, armazéns abandonados, como se o "futuro" de **A Força do Atrito** fosse "pós-apocalíptico", e o "salto civilizacional" implicasse alguma espécie de drástico recuo.

Nada de errado com isso; o que falha no filme é a adequação destas premissas a uma narrativa que parece sempre demasiado desgarrada, demasiado indecisa na direcção a tomar, e muito pouco incisiva na direcção que toma, incluindo aqui vários elementos, em particular a construção das personagens, que têm sempre pouca força (e se calhar, demasiado "atrito", passe o jogo de palavras).

Mas depois, há o que está certo nisso, e isso que está certo parece hoje razoavelmente claro. É um dos temas dominantes do cinema português da viragem da década de 80 para a de 90: o adeus um país velho mas familiar e o acolhimento (começavam-se a sentir os efeitos da entrada de Portugal na "Europa") a qualquer coisa que promete muito mas que se olha com estranheza e algum temor. Nesta Lisboa e arredores de Lisboa que o filme mostra ficou registada essa encruzilhada, ficou expresso esse receio por algo (ainda) desconhecido que se arriscava, como num filme de ficção científica, a mudar drasticamente as vidas e os cenários de quem vivia em Portugal.

E esta "ficção científica", com maior ou menor alegoria, parece um bocadinho menos "ficção científica" quando vista em 2023.

Luís Miguel Oliveira